



XIII Seminário Nacional Sociologia & Política
Horizontes e desafios para refletir sobre o contemporâneo
GT 08 - Intelectuais, artistas e produção social da cultura

“Teatro-Jornal: Primeira edição”: formas de enfrentamento à ditadura militar brasileira

Laura Barbano Aragão¹
Mariana França Soutto Mayor²

¹ Graduanda em Artes Cênicas na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP), pesquisadora de Iniciação Científica, financiada pelo CNPq. laura.aragao@unesp.br.

² Professora Assistente de História do Teatro no curso de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), pós-doutoranda do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), financiada pela FAPESP. m.mayor@unesp.br.

“Teatro-Jornal: Primeira edição”: formas de enfrentamento à ditadura militar brasileira

Resumo

A pesquisa discute a importância política e histórica da modalidade Teatro-Jornal, inaugurada no Brasil em 1970, por um grupo de jovens atores e atrizes do Areninha, famoso espaço teatral da época, localizado no segundo andar do Teatro de Arena. Essa prática foi proposta por Augusto Boal e seu principal objetivo consistia em selecionar notícias do jornal da manhã e encená-las, experimentalmente, na noite do mesmo dia. Nesse sentido, é evidente que essa modalidade foi imprescindível para driblar a censura durante a ditadura militar brasileira, reforçando o caráter político do trabalho do diretor e dramaturgo Augusto Boal. A pesquisa se debruça na análise dos aspectos formais e políticos do espetáculo teatral “Teatro-Jornal: Primeira edição”, inauguração da prática no Brasil. Para isso, está sendo feito um estudo bibliográfico, documental e também um estudo de campo, por meio de entrevistas com membros do espetáculo. Dessa forma, como desfecho primário, a pesquisa pretende explicitar o papel ativo do Teatro-Jornal no enfrentamento à censura na ditadura militar brasileira.

Palavras-chave: Teatro-Jornal; Augusto Boal; Ditadura; Brasil.

Abstract

The research discusses the political and historical importance of the Theatre Newspaper modality, inaugurated in Brazil in 1970, by a group of young actors and actresses from Areninha, a famous theatrical space of the time, located on the second floor of the Arena Theater. This practice was proposed by Augusto Boal and its main objective was to select news from the morning newspaper and stage it, experimentally, in the evening of the same day. In this sense, it is evident that this modality was essential to circumvent censorship during the Brazilian military dictatorship, reinforcing the political character of the work of director and playwright Augusto Boal. The research focuses on the analysis of the formal and political aspects of the theatrical spectacle “Teatro-Jornal: Primeira edição” (Theatre Newspaper: First Edition), the inauguration of the practice in Brazil.

Keywords: Theater-Newspaper; Augusto Boal; Dictatorship; Brazil.

Introdução

O teatro, desde as suas origens, sempre teve diversas funções sociais, como instigar a reflexão e o debate político de questões pulsantes da nossa realidade social. No Brasil, o teatro teve grande importância política principalmente durante a ditadura militar brasileira, período de forte repressão artística, em que foi preciso buscar novas maneiras de se fazer teatro para mantê-lo vivo.

Nesse sentido, durante a ditadura militar brasileira, para driblar a censura logo após o Ato Institucional nº 05, Augusto Boal, conhecido diretor e dramaturgo que contribuiu ativamente para a construção de um teatro verdadeiramente brasileiro e latino americano, autor da obra "Teatro do Oprimido"³, funda, no Brasil, o Teatro-Jornal.

Andrade (2013) menciona em seu artigo “Teatro-Jornal de Augusto Boal e a descoberta do Teatro do Oprimido”, que a proposta de Boal era inserir seu trabalho com o teatro nas camadas mais populares, ou seja, sua intenção era disseminar o fazer teatral e torná-lo mais acessível às camadas da sociedade excluídas das práticas culturais. Assim, Boal enxergou a importância de criar modalidades teatrais mais didáticas e que estivessem em consonância direta com o debate de pautas sociais essenciais para tais classes populares, principalmente pelo cenário político de desvalorização extrema e até perseguição de artistas de teatro.

Este livro procura mostrar que todo teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem, e o teatro é uma delas. Os que pretendem separar o teatro da política pretendem conduzir-nos ao erro - e essa é uma atitude política. Neste livro, pretendo igualmente oferecer algumas provas de que o teatro é uma arma. Uma arma muito eficiente. Por isso, é necessário lutar por ele. Por isso, as classes dominantes permanentemente tentam apropriar-se do teatro e utilizá-lo como instrumento de dominação. Ao fazê-lo, modificam o próprio conceito do que seja o “teatro”. Mas o teatro pode igualmente ser uma arma de libertação. Para isso, é necessário criar as formas teatrais correspondentes. É necessário transformar (Boal, 2019, p. 11).

Segundo Furtoso (2017), foi então desse anseio político que surge, em primeiro plano, o Teatro-Jornal, inaugurado por um grupo de jovens artistas do Areninha, integrado pelos atores Celso Frateschi, Dulce Muniz, Hélio Muniz, Elísio Brandão, Denise Del Vecchio e Edson Santana, que participaram de um curso ministrado por Cecília Boal⁴ e Heleny Guariba⁵.

³ Livro escrito no começo da década de 1970 e publicado em 1974.

⁴ Nascida em Buenos Aires, é atriz, diretora e psicanalista.

⁵ Professora de teatro, dramaturga e guerrilheira brasileira assassinada pelas forças de segurança do regime militar.

Vale ressaltar, assim como é destacado por Almeida (2021), que o Teatro-Jornal já havia sido experimentado na União Soviética no início do século 20 e nos Estados Unidos da América, por volta de 1930. Essa versão brasileira foi uma tentativa de concretizar o projeto criado por Augusto Boal, mas ainda não realizado, de montar espetáculos diários baseados em notícias jornalísticas da manhã.

Lima (2014), em “Coisas de Jornal no Teatro”, discorre sobre as referências dessa modalidade, já experimentada na União Soviética no início do século 20 e, principalmente, nos Estados Unidos da América com o Federal Theatre Project, criado pelo governo Roosevelt.

Com a crise econômica dos Estados Unidos na década de 1930, o governo deu início ao Segundo New Deal e, assim, uma série de medidas foram sendo tomadas para a organização da classe trabalhadora. No campo teatral não foi diferente, para os profissionais afetados pelo desemprego foi estabelecido, em 1935, o Federal Theatre Project, que chegou a dar trabalho para 12.700 atores, diretores, cenógrafos, iluminadores e figurinistas. Muitos artistas incorporados nesse projeto eram do movimento operário e, uma das formas de agitação e propaganda desses coletivos, era o jornal vivo, que também teve influência da URSS, via Partido Comunista. Dessa forma, esses movimentos, posteriormente, vieram a influenciar o Teatro-Jornal no Brasil.

Em 1970 acontece o espetáculo “Teatro Jornal: Primeira edição”, isto é, a estreia oficial dessa modalidade teatral no Brasil, que pesquisou nove técnicas de encenação, abordadas no texto de autoria de Boal e publicado na revista *The Spring*, para representar criticamente notícias de jornal. A prática do Teatro-Jornal consiste basicamente em selecionar notícias de jornal e encená-las experimentalmente. Justifica-se uma pesquisa nessa temática, pois, além de pouco estudada e conhecida, essa modalidade possui grande importância histórica e efetividade artística e política. Essa modalidade teatral possuía um método muito didático justamente com a finalidade de gerar debates, por isso, os procedimentos eram ensinados também para professores, organizações de estudantes, sindicalistas, entre outros, como trabalho político e protesto contra o regime. Ou seja, essa modalidade possuía forte incumbência de multiplicação do fazer teatral, na criação de células de estudo e discussão das relações políticas e sociais para o enfrentamento ativo da repressão existente na época.

Essa forma, que propunha a teatralização de notícias de jornal - nomeada “jornais vivos” (*living newspapers*) pelos estadunidenses e “Teatro Jornal” pelos brasileiros -, respondeu, em ambos os casos, à necessidade concreta e imediata de denunciar e discutir aspectos e implicações da conjuntura política e econômica não acessíveis ao público da classe trabalhadora (Lima, 2014, p. 7).

Deste modo, essa pesquisa se propõe a discutir as seguintes questões: de que maneira as notícias suscitaram discussões políticas e sociais a fim de instigar o espectador a enxergar questões e informações veladas dado o forte caráter de formação política desse trabalho teatral? Quais as técnicas utilizadas? Qual a repercussão e disseminação efetiva dessa modalidade, no alcance de professores, estudantes e sindicalistas no sentido de fomentar a crítica ao regime e a conscientização das classes populares?

Objetivo geral

Analisar as técnicas formais do Teatro-Jornal e suas aplicações na encenação do espetáculo “Teatro-Jornal: Primeira edição” e entender como essa modalidade foi importante para driblar a censura durante a ditadura militar brasileira, evidenciando o caráter político do trabalho do dramaturgo e diretor Augusto Boal.

Metodologia

A presente pesquisa enquadra-se na abordagem qualitativa, utilizando pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A análise bibliográfica e documental aborda tanto fontes primárias, como a obra “Teatro do Oprimido”, de autoria do criador da modalidade teatral no Brasil, Augusto Boal, quanto de fontes secundárias, como a leitura de artigos e dissertações sobre a temática.

Além disso, outra forma de coleta de dados foi a realização de entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistados dois membros do elenco do espetáculo “Teatro-Jornal: Primeira edição”. Essas entrevistas foram realizadas presencialmente.

Com isso, estão sendo feitas leituras, análises de textos e dos registros das entrevistas para o aprofundamento da temática referente ao Teatro-Jornal e sua importância durante a ditadura militar brasileira.

O caráter político do trabalho de Augusto Boal

Augusto Boal nasceu no Rio de Janeiro em 1931, já formado em Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, embarcou para Nova York para estudar teatro na Universidade de Columbia. Quando retornou ao Brasil, assumiu a direção do Teatro de Arena

em parceria com José Renato⁶ e investiu na formação dos atores do grupo com o método russo, que havia aprendido nos Estados Unidos, de Constantin Stanislavski⁷.

Após o golpe de Estado, Boal segue para o Rio de Janeiro para dirigir o show Opinião, primeiro espetáculo veementemente contra o regime. De volta à São Paulo, montou o espetáculo “Arena Conta Zumbi” junto com Gianfrancesco Guarnieri⁸ e Edu Lobo⁹. Em seguida, com o decreto do AI-5, em 1970, Boal criou o Teatro-Jornal.

O trabalho do Teatro de Arena tinha como objetivo central a oposição ao regime militar, ou seja, esse grupo reunia diversos militantes de esquerda de diferentes movimentos políticos em prol da luta contra a ditadura, evidenciando o caráter político e social de Augusto Boal.

O Teatro-Jornal foi o princípio das modalidades teatrais que Boal chamaria, posteriormente, de Teatro do Oprimido, que consiste em metodologias, jogos e técnicas teatrais. Esse método está diretamente relacionado com a pedagogia do fazer teatral, com a finalidade de incentivar o acesso das classes populares às práticas culturais e, consequentemente, às discussões sociais essenciais para esses grupos.

O livro “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas”, de Augusto Boal, foi imprescindível para entender a importância política do teatro, além das suas principais referências. Desde a sistematização das técnicas do Teatro-Jornal até a criação do método do Teatro do Oprimido e, mesmo com os diversos desdobramentos dessas modalidades, o objetivo central de Boal sempre foi o apoio do teatro às lutas dos oprimidos.

Nesse sentido, o Teatro-Jornal, como a primeira modalidade teatral inaugurada no Brasil por Boal, tinha como finalidade desmistificar a fictícia imparcialidade dos meios de comunicação, ou seja, encenar e iniciar uma discussão a partir dos subtextos das manchetes dos jornais.

Se jornais, revistas, rádios e TVs vivem economicamente dos seus anunciantes, não permitirão jamais que informações ou notícias verdadeiras revele, a origem e a veracidade daquilo que publicam, ou a quais interesses servem — a mídia será sempre usada para agradar aqueles que a sustentam: será sempre a voz do seu dono (Boal, 2019, p. 15).

De acordo com Augusto Boal, o teatro possui uma função prática e efetiva no combate às desigualdades do mundo globalizado, ou seja, diante do mercado e do lucro. É preciso

⁶ Diretor, um dos fundadores e idealizadores do Teatro de Arena.

⁷ Ator, diretor, pedagogo e escritor russo.

⁸ Ator, diretor, dramaturgo e poeta italiano, naturalizado brasileiro.

⁹ Cantor, compositor, arranjador e multi-instrumentista brasileiro.

tomar uma posição filosófica, política e social, é preciso ter ação. O Teatro-Jornal é o perfeito reflexo dessas colocações, afinal uma das principais motivações da criação da prática teatral foi driblar a censura em pleno Ato Institucional nº 05.

O surgimento e funcionamento do Teatro-Jornal

O trabalho de Almeida (2021) intitulado “A cena ativista do Teatro Núcleo Independente durante a década de 1970”, debruça-se na origem e experiência do Teatro Núcleo Independente, grupo que se iniciou em um curso sobre Bertolt Brecht¹⁰ e Constantin Stanislavski, ministrado por Heleny Guariba e Cecília Boal no Teatro de Arena, que culminou na criação do Teatro-Jornal no Brasil.

O final do Curso de Interpretação de Cecília Thumim e Heleny Guariba, após as apresentações de “O Casamento de Figaro”, dirigido por Boal, coincide com o início da história de um novo grupo nascido da vontade de alguns dos jovens participantes se manterem juntos trabalhando com teatro. Seria também a inauguração de uma experiência de teatro radial, gestada dentro do Arena e de forma coletiva, como resposta à censura e ao fechamento dos espaços de participação política do pós-AI-5: o Teatro Jornal (Almeida, 2021, p. 37).

Assim, um grupo formado por Celso Frateschi, Denise Del Vecchio, Edson Santana, Dulce Muniz, Hélio Muniz e Elísio Brandão começou experimentações com notícias de jornais, como já se interessava Boal há alguns anos. Os atores e atrizes compravam o jornal pela manhã, selecionavam as notícias mais relevantes, ensaiavam durante a tarde e apresentavam o resultado ao público durante a noite.

A inauguração dessa modalidade foi uma maneira de reagir artisticamente à realidade de censura, violência e controle impostos pela ditadura militar brasileira. Na época, os jornais eram vigiados pelos censores e, portanto, suas redações eram controladas, então o Teatro-Jornal apresentava outras versões das notícias.

Boal (1971), em “Teatro-Jornal - Primeira edição”, se aprofunda na parcialidade e controle dos meios de comunicação e, principalmente, descreve as técnicas utilizadas no Teatro-Jornal, pesquisadas e refletidas no primeiro espetáculo dessa modalidade no Brasil, o “Teatro-Jornal: Primeira edição”.

As primeiras nove técnicas da modalidades consistem em: leitura simples, para entender a notícia fora do contexto jornalístico; improvisação, os atores e atrizes se informam

¹⁰ Dramaturgo, poeta e encenador alemão.

da notícia, que serve como um roteiro, e improvisam uma cena; a terceira técnica é a leitura com ritmo, é experienciar a notícia com a perspectiva do ritmo, como no exemplo a seguir:

No caso da "Primeira Edição" elegeu-se o discurso de um deputado em favor da censura prévia de livros, revistas e jornais. O discurso é bastante medieval em seu conteúdo. Nada melhor do que o canto gregoriano para evidenciar esse significado subjacente (Boal, 1971, p. 58).

A quarta técnica é a ação paralela, enquanto a notícia é lida por um ator ou reproduzida por um gravador, em cena acontecem ações que a explicam ou a criticam; reforço, nessa técnica a notícia é preenchida com todo tipo de material conhecido, como jingles, slides, propagandas, entre outros; a leitura cruzada, o elenco cruza duas ou mais notícias; a sétima técnica é o histórico, mostra-se que os acontecimentos têm explicações históricas e como, muitas vezes, tais episódios apenas se afirmam ao longo dos anos; a entrevista de campo, com a televisão, as entrevistas tornaram-se um meio de investigação das personagens; por fim, a nona técnica do Teatro-Jornal é a concreção da abstração, é tornar uma notícia concreta, a mídia fez as tragédias serem banalizadas, a informação já não tem mais tanto o efeito de informar, por isso, é importante tornar algumas palavras mais concretas.

Podemos ouvir, como na "Primeira Edição," a notícia da morte de um operário que, sendo obrigado a entrar num forno sem o tempo de resfriamento necessário, teve o seu sangue cozido dentro do seu próprio corpo e essa notícia pode nos deixar indiferentes, sem ver realmente o fato. Neste caso particular, após cenas de improviso, cenas de "histórico," e outras técnicas, o elenco concretiza a morte do camponês através da morte, em cena, de pequenos animais queimados, de bonecas cujo fogo reproduzia o cheiro do forno misturado com carne queimada (Boal, 1971, p. 60).

As entrevistas com membros do espetáculo

As entrevistas aconteceram nos dias 16 e 18 de abril, com Celso Frateschi e Dulce Muniz, respectivamente. Ambos possuíam envolvimento direto com o movimento político durante a ditadura militar brasileira. Como dito anteriormente, o Teatro de Arena, como um grupo evidentemente de esquerda, servia como uma espécie de polo aglutinador de pessoas contra o regime, foi dessa forma que Frateschi e Muniz chegaram até o grupo, pelo anseio de lutar contra a ditadura.

Sabendo do interesse de Boal em iniciar a modalidade no Brasil, o grupo de jovens atores e estudantes de teatro tomaram a iniciativa de começar a pesquisar o Teatro-Jornal, isto é, começaram a dramatizar as notícias de jornal, selecionadas em conjunto com sugestões sobre as temáticas de interesse a serem abordadas, bem como a maneira como elas poderiam

ser encenadas. Nesse primeiro momento, havia a censura prévia, ou seja, os grupos de teatro eram obrigados a mandar os textos a serem apresentados com antecedência para análise dos censores. Por conta disso, as primeiras apresentações eram clandestinas, com distribuição de senhas para amigos, familiares, professores e artistas.

O público, tomado pela força política e questionadora do espetáculo, começou a formar grupos de Teatro-Jornal em diversos movimentos populares e faculdades, como forma de multiplicação desse fazer teatral, se munindo e formando Centros e Diretórios Acadêmicos a fim de se organizarem contra o regime.

Aos poucos as apresentações começaram a ficar cada vez mais lotadas, assim então que Guarnieri foi assistir a uma dessas sessões internas e, logo depois, Augusto Boal, que demonstrou interesse imediato de abrir essas apresentações para o público externo e, conseqüentemente, enfrentar ativamente a censura.

Boal, tendo como base a apresentação do grupo, codificou e sistematizou as nove técnicas para o Teatro-Jornal, e cada técnica dava origem a uma cena para o espetáculo oficial que veio a ser o “Teatro-Jornal: Primeira edição”. Como as notícias da época já eram censuradas e, portanto, omitiam grande parte das informações, os atores precisavam teatralizar o que estava por trás das linhas do jornal. Por exemplo, a manchete era a seguinte: “Atacou a estudante e roubou a peruca!”, narrando o dia em que uma jovem de 22 anos roubou a peruca de uma estudante na Praça da República em São Paulo. A notícia termina contando que a mulher foi levada para a delegacia, os atores dramatizaram a tortura que ela sofreu dos policiais quando chegou na delegacia, denunciando a violência policial daquele período.

Por conta da censura prévia, como já mencionado, os atores precisavam apresentar o espetáculo aos censores antes de entrar em cartaz. Como estratégia para driblar a censura, Boal pedia que os atores errassem escancaradamente o texto, que falassem mal e que o sonoplasta aumentasse o volume das músicas, foi assim que, ao final de uma dessas apresentações, um censor comentou com os atores, com certa pena, que eles precisavam melhorar. O espetáculo entrou em cartaz e foi muito bem recebido pelo público, fomentando diversas discussões sobre o período em que viviam.

De acordo com Frateschi, com intervenções radicais, a assinatura de Boal enquanto direção forneceu um toque artístico e técnico que não existia antes, foi ele quem percebeu a possibilidade de codificar as técnicas e levar o espetáculo a público. Boal colaborou fortemente para a construção do Arena e, conseqüentemente, do Teatro-Jornal contra a ditadura.

Como aquecimento antes do espetáculo, além dos exercícios tradicionais até hoje utilizados, Boal propunha um aquecimento ideológico, que consistia em uma discussão sobre alguma notícia ou artigo que abordasse alguma temática pertinente ao momento.

Uma das cenas tinha como principal referência uma propaganda muito marcante da época, que retratava crianças correndo muito felizes em um campo ao som de uma música de Johann Sebastian Bach¹¹. Os atores usaram essa música e dramatizaram a morte de um operário que teve seu sangue cozido dentro do corpo enquanto trabalhava em uma usina de carvão e, aos poucos, a canção clássica era sobreposta por um discurso de Adolf Hitler. Em outra cena, uma mãe vivendo seu cotidiano em casa, lavando louça e passando roupa, descobre, por meio de um noticiário na televisão, que seu filho, um estudante, tinha sido assassinado.

Todas as cenas e notícias abordavam temas pertinentes às discussões do período, com o objetivo evidente de criticar nas entrelinhas e convidar as pessoas para se juntarem à luta contra o regime.

Muniz encerra a entrevista afirmando que é imprescindível conhecermos a história do nosso país, desde a invasão dos portugueses, a escravização no Brasil, as informações veladas da ditadura Vargas, o genocídio dos povos indígenas até os dias de hoje, entre outros acontecimentos. Nesse sentido, é primordial estudar nossa história e, portanto, uma vez que também está inserido nesse contexto, o Teatro-Jornal. Por fim, a atriz cita Bertolt Brecht: “O ventre que gerou a coisa imunda continua fértil”.

Conclusão

Em vista dos argumentos mencionados, é notório o papel ativo politicamente que o teatro possui desde suas origens até os dias atuais, tendo grande função social e fomentando discussões de suma importância para a nossa realidade.

Durante a ditadura militar brasileira, em específico, o teatro proporcionou mais do que a discussão em si, mas a possibilidade de pensar em ações práticas para a luta contra o regime, convidando a sociedade civil para pensar criticamente sobre as violências sofridas no período em questão, bem como as maneiras de resistir e se opor, efetivamente, ao que estava imposto. Nesse sentido, o fazer teatral de Augusto Boal sempre esteve intimamente ligado ao trabalho

¹¹ Compositor, cravista, mestre de capela, regente, organista, professor, violinista e violista oriundo do Sacro Império Romano-Germânico, atual Alemanha.

de base, ou seja, Boal buscava tornar o teatro mais acessível às camadas sociais excluídas das práticas culturais.

Assim, o Teatro-Jornal estava inserido diretamente nesse contexto, uma vez que foi criado no Brasil durante um período de forte repressão artística, o Ato Institucional nº 05, com o objetivo de driblar a censura e manter o teatro vivo. Na prática, o Teatro-Jornal foi responsável por instigar as pessoas a formarem grupos a fim de se organizarem politicamente, ou seja, esse caráter de multiplicação do fazer teatral foi um dos aspectos mais marcantes da modalidade.

Em suma, o espetáculo “Teatro-Jornal: Primeira edição” teve a função primordial de polo aglutinador de pessoas contra a ditadura, possibilitando diversas discussões e ações pertinentes à época. Aliado a isso, é preciso mencionar a importância dessa modalidade ainda nos dias de hoje, melhor dizendo, conhecer a história do nosso país é indispensável para pensarmos o nosso presente.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ademir de. **A cena ativista do Teatro Núcleo Independente durante a década de 1970**. Dissertação de Mestrado. USP: 2021.

ANDRADE, Clara de. **“Teatro-Jornal” de Augusto Boal e a descoberta do Teatro do Oprimido**. In: Simpósio Internacional da Sociedade Brechtiana, 2013, Porto Alegre. Textos completos, 2013.

BOAL, Augusto. **Teatro-Jornal - Primeira edição**. São Paulo: The Spring, 1971.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

FURTOSO, V. C. M. **O TEATRO POLÍTICO DE AUGUSTO BOAL: Notas sobre sua trajetória no Teatro de Arena de São Paulo**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo: 2017.

LIMA, Eduardo Luís Campos. **Coisas de Jornal no Teatro**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

COSTA, Iná Camargo. **Panorama do Rio Vermelho: ensaios sobre o teatro americano moderno**. São Paulo: Nankin Editorial, 2011.